

Discurso de posse de Clèmerson Merlin Clève na Academia Paranaense de Letras

Nos anos 1980, no Paraná, quando começávamos nossa trajetória jurídica e queríamos estudar o direito a fundo, e boquiabertos com a filosofia do direito, queríamos ser Clèmerson Merlin Clève. Circulavam histórias que nos abismavam. Clèmerson teria sido aprovado em primeiro lugar em concursos difíceis, levando apenas uma Constituição para a última prova, quando todos os demais candidatos levavam malas de livros.

Líamos o seu livro “O Direito e os Direitos” várias vezes. Tenho comigo uma edição da Acadêmica, verdinha, de 1988. Grampeado no livro, um recorte da *Gazeta do Povo*, edição de 11 de julho de 1994, com notícia de que a Universidade Federal do Paraná contava com o mais jovem professor de Direito Constitucional do país.

Clèmerson vencia concurso de cátedra, com banca composta por Egas Aragão, Raul Machado, Roberto Rosas, Eduardo de Oliveira Leite e Marçal Justen Filho. Um timaço! Roberto Rosas, autor de “Direito Sumular”, é pioneiro nos estudos de jurisprudência, como fonte privilegiada do direito. A tese de Clèmerson é pedra de toque no tema do controle de inconstitucionalidade por omissão.

Clèmerson é diferente

Destacado constitucionalista, é um dos mais citados no Supremo Tribunal Federal. Seu nome já foi cogitado para assumir uma cadeira na corte. Natural de Pitanga, no Paraná, Clèmerson confunde-se com a história intelectual de Curitiba, onde tem uma legião de alunos. É um paranaense notável.

É membro da Academia Paranaense de Letras, ocupando a cadeira 3.

Sucedeu a René Ariel Dotti, penalista, que faleceu em 2021. O discurso de posse de Clèmerson é primor da aproximação entre direito e literatura. A posse ocorreu em 22 de novembro de 2021, na sede da Ordem dos Advogados do Brasil, em Curitiba. É o tema dos [Embargos Culturais](#) desta semana.

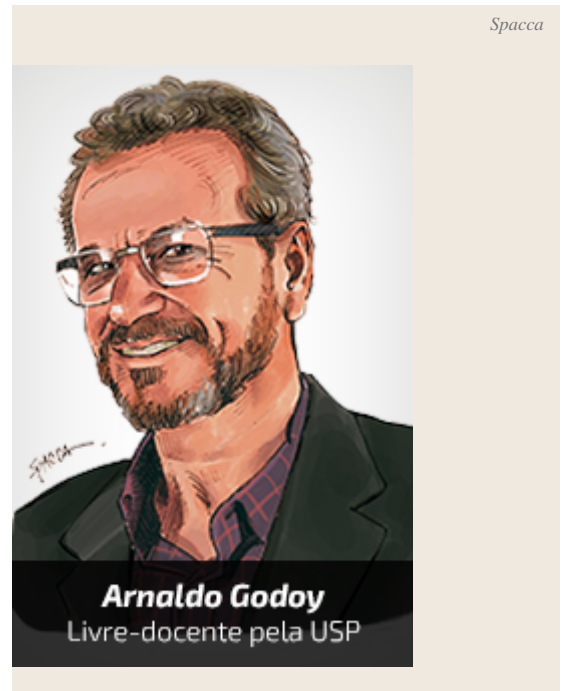
O discurso sugere reflexão sobre emoção e responsabilidade de ingresso nessa renomada instituição. Clèmerson mencionou o impacto que a notícia de sua eleição causara em sua vida, especialmente com referência a seu pai, magistrado e historiador, que também fez parte da Academia.

O acadêmico começou com Borges (no poema Xadrez), uma representação metafórica dos mistérios da vida. No contexto da imperscrutável trama do destino perguntava que Deus atrás de Deus moveria o jogador que move a peça do xadrez. Na apropriação dessa metáfora a sincera pergunta de quem questionava por que estava ali, naquele lugar, ocupando aquela cadeira. Enfatizava a honra de estar ao lado dos confrades, atribuindo sua escolha menos às qualidades pessoais do que à generosidade dos amigos.

Agradeceu a todos que o incentivaram. Refletiu sobre alteridade, comunicação, cooperação. Destacou que, embora dedicado ao mundo jurídico, assumia a missão de contribuir com a Casa, não apenas como jurista, mas como defensor das letras e do conhecimento em diversas áreas.

Ao suceder a René Ariel Dotti, enfatizou que a Academia acolhe não apenas poetas, cronistas, dramaturgos, historiadores. É também espaço para juristas, médicos, cientistas. Retomou a concepção de “representatividade” desenvolvida por Ralph Waldo Emerson. A presença de vozes múltiplas enriquece as instituições.

Analisou o estado da arte da cultura, da ciência e da educação no Brasil. Lamentou o comprometimento dos valores culturais, a desvalorização da ciência e a crescente polarização social e política. Alertou para desafios da era digital, que ao mesmo tempo proporciona acesso ilimitado ao conhecimento e concentra poder. Os efeitos são devastadores: é o “tecnofeudalismo”.



Relembrou a infância e sua permanente relação com livros, leitura e cultura. O acadêmico — jurista revelou preocupação para com a desinformação, o discurso de ódio e a relativização da verdade. São marcas desse tempo sombrio da revolução digital. Lembrou que os grandes grupos econômicos que exploram a tecnologia vêm reconfigurando estruturas tradicionais de troca e de convivência. O resultado é uma inevitável insurgência à própria ideia de liberdade.

Clèmerson é, no entanto, um otimista

Celebrou o acesso democratizado à cultura proporcionado pela tecnologia. Esse admirável mundo novo fomenta o contato com obras e produções artísticas de diferentes épocas e lugares. Porém, e Clèmerson é também realista, o acesso não é universal. Defendeu políticas públicas inclusivas para programas de formação e de educação.

Clèmerson é educador, por isso é muito mais do que professor ou instrutor. Destacou a importância da preservação da tradição literária e artística. É uma compreensão da história como enfrentamento das incertezas de nossos dias. É o tópico da história como mestra da vida, que remonta a Cícero.

Homenageou seu antecessor. Descreveu Dotti como jurista erudito e conferencista brilhante. Destacou a dedicação de Dotti ao ensino e à advocacia, seu compromisso com a justiça e sua habilidade em integrar a racionalidade com a paixão pela defesa dos direitos humanos. A homenagem também veio em forma de lembrete para com a responsabilidade que o novo acadêmico então assumia.

Clèmerson refletiu sobre si mesmo. Apontou sua busca por uma existência autêntica. Confiante no poder das palavras e das artes como estratégias de superação de desafios, o que para mim nos remete à grande escritora para quem a vida só é possível reinventada (Cecília Meireles).

Expressou gratidão à família, aos amigos e especialmente à esposa, reconhecendo que sua trajetória não teria sido possível sem o apoio incondicional daqueles que sempre estiveram ao seu lado. Encerrou o discurso reafirmando compromisso para com os valores da Academia e com a defesa da cultura, da democracia e dos direitos humanos, destacando que o conhecimento e a tradição são essenciais para que sobrevivamos.

Concluiu com mensagem de esperança e de renovação, lembrando que, mesmo em tempos difíceis, a busca por justiça, conhecimento e solidariedade é esforço contínuo e essencial para a construção de sociedade mais justa e humana. O fecho veio em forma de gratidão à esposa, com a belíssima imagem do verso de Neruda: “Talvez não ser é ser sem que tu sejas”.

O discurso de recepção foi proferido por Ney José de Freitas, jurista e literato, autor de prestigiada tese de doutorado sobre a validade do ato administrativo e o ônus da prova, um respeitado juslaborialista, que já presidiu o Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região, tendo também atuado no Conselho Nacional de Justiça. Ney José de Freitas é um homem de letras, de engajamento e de bondade, como Clèmerson, em toda sua extensão humana.

Clique [aqui](#) para ler o discurso na íntegra

Fonte: <https://conjur.jumps.com.br/2024-out-13/discurso-de-posse-de-clemerson-merlin-cleve-na-academia-paranaense-de-letras/>